



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES

LEVI LUÃ ALVES SOARES SILVA

***MACHUDAS: UMA ANÁLISE DA HETERONORMATIVIDADE
REPRODUZIDA POR HOMENS GAYS NO MACIÇO DE
BATURITÉ/CE.***

ACARAPE/CE

2024

Levi Luã Alves Soares Silva

**MACHUDAS: UMA ANÁLISE DA HETERONORMATIVIDADE
REPRODUZIDA POR HOMENS GAYS NO MACIÇO DE
BATURITÉ/CE.**

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Colegiado do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Vítor Macêdo Pereira.

Acarape/CE

2024

Levi Luã Alves Soares Silva

***MACHUDAS: UMA ANÁLISE DA HETERONORMATIVIDADE
REPRODUZIDA POR HOMENS GAYS NO MACIÇO DE
BATURITÉ/CE.***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, vinculado ao Instituto de Humanidades - IH, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Francisco Vitor Macêdo Pereira (Orientador, Presidente)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.ª Dra. Joalice Santos Conceição (examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.º Me. Leonardo da Silva Leal (Examinador)

Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus e aos meus Guias, que me deram, para além de forças, muito foco nos momentos em que eu próprio não consegui. Amém e Laroyê!

Também agradeço à minha Avó paterna, que sempre acreditou em mim e me ajudou de diversas formas (puxões de orelha) para que eu chegasse onde estou. Agradeço à minha Mãe, que foi meu segundo alicerce e sempre me inspirou com sua força. Agradeço grandemente aos meus amigos brasileiros e internacionais que conheci na Unilab. Minha trajetória sem vocês não teria sido a mesma. Obrigado por todos os sorrisos e principalmente por todos os momentos em que me aguentaram reclamar do TCC.

RESUMO

O objetivo geral deste projeto é compreender de que maneira homens gays no Maciço de Baturité, mais especificamente nas cidades de Acarape e Redenção reproduzem e internalizam a heteronormatividade, por meio de expressões e representações estéticas de masculinidade. Busca-se explorar as origens socioculturais desse fenômeno e seus impactos na construção identitária desses indivíduos. A pesquisa se desenvolverá a partir de objetivos específicos, iniciando com a identificação e a análise das representações de masculinidade empregadas por homens gays na região, seguindo com a busca em compreender alguns aspectos comportamentais, estilísticos e simbólicos estereotipados mediante as representações e performances de masculinidade viril desses homens gays. A análise pretendida se estenderá, contudo, para além do âmbito individual, explorando o papel das redes sociais, do trânsito nos espaços públicos e culturais no Maciço de Baturité, especificamente quanto à construção e à reprodução das normas e códigos de masculinidade entre homens gays, dando uma ênfase especial à identificação de resistências ou subversões a essas normas. Tenciona-se, assim, uma compreensão mais abrangente das características que envolvem a construção de identidades de homens gays masculinizados. Ademais, essa pesquisa adentrará de maneira interseccional na discussão e aproximação teórica a propósito das discussões sobre a heteronormatividade e outras formas de opressão de gênero, como a misoginia e a homofobia, no contexto específico do Maciço de Baturité. Nesse sentido, almeja-se igualmente a compreensão quanto às complexidades identitárias e de relações de poder na região, proporcionando assim uma visão mais holística do impacto dessas dinâmicas. Utilizar-nos-emos de uma abordagem metodológica qualitativa, incluindo entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise documental.

Palavras-chave: Expressões estéticas; Heteronormatividade; Homens gays; Maciço de Baturité/CE; Masculinidade; Representações identitárias.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO - TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO	6
2. OBJETIVOS	9
2.1 Geral.....	9
2.2 Específicos.....	9
3. JUSTIFICATIVA	10
4. METODOLOGIA	12
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
5.1 O modelo <i>de um sexo</i> e o modelo <i>de dois sexos</i>	15
5.2 Heteronormatividade e masculinidade.....	16
5.3 Estética masculina.....	21
5.4 A estética masculina e o homem nordestino.....	22
5.5 Reproduções da heteronormatividade através de uma estética masculina hegemônica na população gay do Maciço de Baturité/CE.....	24
6. CRONOGRAMA	28
7. REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO - TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

Este projeto investigativo tem como ponto central pensar a diversidade de expressões de gênero e sexualidade que são uma característica fundamental da experiência humana. Contudo, vale lembrar que em muitos contextos socioculturais, as normas heteronormativas exerce uma grande influência na maneira como as pessoas se percebem e expressam suas identidades de gênero e sexualidade. Tal pressão pode resultar na reprodução dessa normativa por diversas pessoas, principalmente por pessoas LGBTQIAPN¹, que acabam sendo as principais vítimas por subverterem o que se espera socialmente quanto à heterossexualidade ou mesmo a performances estético-corporais heterossexuais/heteronormativas.

Inicialmente, a heteronormatividade tem como princípio a ideia de que a heterossexualidade seja a única orientação sexual legítima, assim marginalizando e oprimindo quaisquer outras orientações sexuais. Uma de suas imposições é a adequação aos padrões heterossexuais, o que pode resultar em discriminação, invisibilidade e até mesmo violência. Consequentemente, essa norma tende a criar barreiras e desafios na vida de pessoas LGBTQIAPN+, tanto em termos de aceitação pessoal quanto de inclusão social.

Pensar a heteronormatividade também significa pensar uma maneira de sobrevivência, principalmente para aqueles que fogem à norma, como é o caso já mencionado de pessoas LGBTQIAPN+, que representam cerca de 12% da população adulta no Brasil ². O crescente número de violências LGBTfóbicas no Brasil corrobora ainda mais para a internalização dessa normativa heterossexual como uma maneira de fugir do preconceito e da violência. E isso acontece mesmo depois da criminalização da LGBTfobia, tipificada na lei nº 7.716/89 e aprovada em 2019, pelo Supremo Tribunal Federal, que tem sido a alguns anos a única forma de populações marginalizadas obterem seus direitos. A lei contra a LGBTfobia afirma a certa altura:

¹ Sigla que denota a diversidade de orientações sexuais e de variações de identidade de gênero, que inclui Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias entre outros/as/es.

² Pesquisa realizada em conjunto pela UNESP e USP. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-022-15103-y> Acesso: 30 mar. 2024.

Portanto, a partir da decisão, quem ofender ou discriminar gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros está sujeito à punição de um a três anos de prisão, prevista na Lei nº 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Assim como o crime de racismo, a LGBTfobia é crime inafiançável e imprescritível (processo relacionado: ADO 26; MI 4733) (Ribeiro, 2020, N.p).

Apesar dessa criminalização, a violência contra essas pessoas não diminuiu. Segundo Farias (2021), no ano de 2020, a média foi de 04 crimes de LGBTfobia por dia, considerando casos de lesão corporal (1.169), homicídio (121) e estupro (88), motivados por ódio e intolerância³. Por isso, pensar a heteronormatividade e como ela impacta a vida de pessoas LGBTQIAPN+ é extremamente relevante. É uma questão fundamental de vida e segurança.

O Maciço de Baturité, região onde se pretende realizar a pesquisa, é uma macrorregião do Ceará, estado nordestino brasileiro. Essa região é marcada por uma rica diversidade cultural e natural, também se encontra nessa região a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Ademais, é importante ressaltar que, por ter se instalado uma universidade nessa região, ali também se pode encontrar uma relação bem diversa a respeito das normas de gênero e sexualidade, pois se encontram e potencialmente se chocam nessa região pessoas de toda parte, seja do continente africano e asiático, seja da região metropolitana de Fortaleza, seja do interior cearense e/ou de outras partes do Brasil. Ou seja, as formas de todas essas pessoas se expressarem e se entenderem em relação ao gênero e à sexualidade podem estar em constante movimento. Logo, essa complexa interação entre nacionalidade, regionalidade, identidade de gênero, sexualidade e normas sociais apresenta-se como um campo fértil para a exploração e compreensão mais aprofundada do fenômeno em análise.

Diante do exposto, essa região acaba se tornando palco de uma série de dinâmicas sociais que influenciam na construção e reprodução de identidades de gênero. Como já mencionado anteriormente, a heteronormatividade não se encontra apenas em pessoas heterossexuais, pois a sua presença e influência também são vistas na comunidade LGBTQIAPN+ por diversos motivos, influenciando assim a maneira como esses indivíduos se percebem e são percebidos dentro e fora de seus grupos sociais. O Maciço de Baturité é formado por 13 municípios, cada um com suas dinâmicas e contextos de formação específicos. Pensando nisso, a formação dos municípios vem dos desdobramentos históricos na sua plural

³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/28/17-mil-lgbqia-foram-vitimas-de-agressoes-fisicas-em-2021-8-estados-nao-tem-dados-sobre-o-tema.ghtml?ssp=1&darkschemeovr=1&setlang=pt-br&cc=BR&safesearch=moderate>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

constituição, o projeto civilizador cristão é um deles, com a atuação das diferentes ordens religiosas implantadas na região. Nesse contexto, surge a problemática central deste estudo: como homens gays na região do Maciço de Baturité se relacionam e reproduzem a heteronormatividade através de representações estéticas de masculinidade?

Ao investigar essas representações estéticas de masculinidade adotadas por estes homens gays nessa região, se busca compreender de maneira mais profunda como esses indivíduos negociam suas identidades dentro desse contexto sociocultural, que pode ser tanto desafiador quanto restritivo. E, para além disso, pretende-se analisar como tais representações contribuem para a percepção e reprodução da heteronormatividade, delineando assim os limites e possibilidades das expressões de gênero nesse contexto em especial.

Ainda que tenha havido uma crescente atenção e incremento nos estudos de gênero e sexualidade no Brasil e no mundo nos últimos anos, ainda há uma lacuna notável em relação à forma como homens gays, especificamente nessa região, negociam e reproduzem a heteronormatividade, através da construção de uma estética de masculinidade viril e, alguns sentidos, hostil. Este projeto propõe-se então à realização de uma pesquisa que almeja preencher essa lacuna, lançando luz sobre as dinâmicas complexas que permeiam as representações estéticas de masculinidade entre homens gays no Maciço de Baturité. Ao analisar como essas representações são construídas, interpretadas e internalizadas dentro da comunidade, buscamos entender de que maneira a heteronormatividade se manifesta e é perpetuada, mesmo dentro de um contexto que pode ser considerado o mais diverso e inclusivo.

Portanto, ao falarmos sobre heteronormatividade, seja ela reproduzida por LGBTQIAPN+s ou mais especificamente por homens gays através de uma estética masculina, devemos procurar investigar suas razões e, principalmente, desenvolver uma reflexão sobre como a forma de se expressar, seja através do gênero, seja sexualmente, é vista e interpretada em regiões como a do Maciço de Baturité.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Constitui o Objetivo Geral deste projeto de pesquisa investigar e compreender de que maneira homens gays no Maciço de Baturité reproduzem e internalizam a heteronormatividade, notadamente por meio de expressões e representações estéticas de masculinidade.

Objetivos Específicos:

Entre os Objetivos Específicos, destacam-se os que seguem indicados abaixo:

- Identificar e analisar as representações de masculinidade adotadas/performadas por homens gays no Maciço de Baturité, considerando aspectos comportamentais, estilísticos e simbólicos.
- Investigar as percepções e experiências individuais desses homens em relação às normas de gênero e à heteronormatividade, buscando compreender como essas influências impactam suas identidades e relações pessoais.
- Analisar as interseções entre a heteronormatividade e outras formas de opressão, como a misoginia e a homofobia, no contexto específico do Maciço de Baturité, a fim de compreender as complexidades das representações de identidades e das relações de poder nesse cenário.

3. JUSTIFICATIVA

Esse projeto se justifica inicialmente por um interesse pessoal, pois ele não seria pensado ou mesmo realizado sem que o que eu teorizo ou mesmo imagino não surgisse de minha personalidade e de minha relação como homem gay ante essa localidade, na qual cresci e desenvolvi relações profundas. Pensar a heteronormatividade enquanto homem gay afeminado nem sempre fez sentido para mim, pois somos, desde muito cedo, moldados para não questionar tais normas, sempre as lendo como naturais e inquestionáveis. Porém, a partir do momento em que tive a oportunidade de adquirir conhecimento e um pensamento crítico, pude finalmente questionar o porquê de ter que ser heterossexual e ser masculino ou feminino de acordo com o gênero sexual biológico e os padrões morais e culturais de sociabilidade.

Além disso, minha relação com tais normas quase sempre foi de subversão, pois, por mais que eu fosse pressionado, eu não conseguia me adequar a elas. Por outro lado, da minha parte, colocar-se enquanto questionador ou mesmo subversivo não era proposital, pois pensar a heteronormatividade significa questionar a heterossexualidade como uma norma pré-existente e isso para mim nunca foi algo questionável. No entanto, agora que posso finalmente observar e questionar, posso finalmente entender o quanto era necessário questionar e problematizar, para além da heteronormatividade, uma masculinidade hegemônica, que se legitima e que se impõe sobre quaisquer outras e principalmente subalternizando outras existências e expressões estético-corporais, tais como as minhas: as de um homem gay afeminado.

O Maciço de Baturité, lugar onde nasci, cresci e moro atualmente é marcado pela sua rica diversidade natural, cultural e histórica, e proporciona um contexto único para o desenvolvimento do estudo proposto. Logo, a escolha de focar na análise da heteronormatividade reproduzida por homens gays na construção da estética de masculinidade hegemônica se justifica, ante a necessidade de compreender as dinâmicas complexas que moldam as identidades individuais e coletivas nesse ambiente culturalmente diverso.

Além disso, uma das principais razões para a existência do presente projeto é a sua grande relevância social, pois, sendo a heteronormatividade um conceito que se refere à imposição das normas heterossexuais como um padrão social, esse fenômeno se torna intrinsecamente ligado à reprodução de estereótipos e violências de gênero, que necessitam ser visibilizados e problematizados socialmente. Todavia, é perceptível que, mesmo dentro da comunidade LGBTQIAPN+, se notem manifestações dessa normatividade, influenciando as percepções e comportamentos dos próprios indivíduos, que tendem a internalizar de maneira distônica tais normas. Dito isso, esse projeto visa contribuir para uma compreensão mais profunda das complexidades envolvidas na negociação das identidades de gênero por parte de homens gays no Maciço de Baturité.

Ademais, também se propõe aqui contribuir academicamente e tentar preencher uma lacuna nesse campo de conhecimento já existente, tentando fornecer assim uma abordagem inovadora, para a compreensão das experiências destes homens gays nesse contexto local. No entanto, espera-se que a análise dessas estéticas e representações de masculinidade, incorporada por esses homens, não contribua apenas para os debates acadêmicos sobre identidade de gênero ou diversidade sexual, mas que também possa proporcionar um espaço

para a reflexão sobre a interseccionalidade das identidades, levando assim em conta fatores como classe social, raça e questões socioculturais específicas da região.

Para além de sua importância acadêmica, se espera que os resultados desta pesquisa possam formar iniciativas sociais, políticas e culturais que busquem promover uma aceitação e compreensão das diversas expressões de identidade de gênero, ao lançar luz sobre as dinâmicas próprias presentes no Maciço de Baturité. Consequentemente, esta pesquisa poderá igualmente orientar estratégias locais de inclusão e promoção da diversidade.

Resumindo, a justificativa deste projeto deita raízes na necessidade de compreender e problematizar as formas como a heteronormatividade se manifesta entre homens gays, assim influenciando a construção de suas identidades e performances de gênero no contexto próprio do Maciço de Baturité. Sendo assim, a proposta para este projeto assume a sua principal objetivação, não apenas em contribuir para o avanço acadêmico, mas também para gerar uma ação valiosa para a promoção da diversidade e de mais inclusão na comunidade LGBTQIAPN+.

4. METODOLOGIA

A metodologia desenvolve um papel fundamental no desenvolvimento de qualquer projeto, visto que a grande maioria dos resultados são dependentes da metodologia utilizada. Visando um melhor resultado, a partir dos objetivos que esse pré-projeto se propõe a alcançar, optamos por uma abordagem qualitativa, do tipo etnográfica-bibliográfica, permitindo assim uma compreensão mais profunda e contextualizada das experiências, práticas e significados atribuídos pelos participantes. De início se realizará uma pesquisa bibliográfica pois:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA, 2002, p. 32).

A partir do objetivo central, esse projeto se encontra como uma pesquisa descritiva, e se propõe a investigar como homens gays no Maciço de Baturité reproduzem a heteronormatividade como uma estética de masculinidade. Os elementos descritivos estarão especialmente na coleta e análise de dados, pois as entrevistas semiestruturadas e análise

documental visam descrever as práticas, representações e percepções dos participantes em relação à masculinidade e à reprodução da heteronormatividade. As pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2002, p.42).

A amostra será composta por homens gays residentes no Maciço de Baturité, nas cidades de Acarape e Redenção, ou seja, a pesquisa não se aplicará a toda região do maciço, e sim aos homens gays residentes e nativos destas duas cidades, assim levando em consideração a estimativa de no mínimo cinco anos de residência, pois como já foi evidenciado essa região tem localizada uma universidade, conseqüentemente as configurações dessa região tendem a se transformar pois muitas pessoas de muito longe vem morar nesse espaço geográfico. Logo, a amostra será composta de homens gays que moram nessa região, de 18 anos a 30. Esse projeto se propõe a analisar a relação da estética de masculinidade que resulta em uma heteronormatividade nessa faixa etária, buscando entender como se dá essa questão especialmente dentro dessa faixa etária. Os interlocutores serão selecionados por meio de amostragem não probabilística, com critérios de inclusão baseados na identidade sexual e na disposição para participar do estudo.

As técnicas e os procedimentos a serem utilizadas para a coleta de dado serão Entrevistas Semiestruturadas que serão conduzidas em profundidade com os participantes, explorando suas experiências, percepções e práticas relacionadas à masculinidade e à reprodução da heteronormatividade. De acordo com Triviños (1987, p.146),

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Essas entrevistas serão agendadas de acordo com a conveniência dos participantes e conduzidas em locais seguros e confortáveis, permitindo uma interação aberta e honesta. Antes de participarem, os voluntários serão informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, garantindo assim seu consentimento livre e esclarecido. Ademais será realizada uma análise documental a partir de escritos já existentes em relação tanto ao tema da heteronormatividade como dessa masculinidade hegemônica, seguida de uma análise crítica

para identificar padrões e temas relacionados à estética de masculinidade e à reprodução da heteronormatividade dentro dessas cidades.

Além disso pretendendo manter a ética, serão tomadas algumas alternativas para manter a confidencialidade e o anonimato dos participantes, visando assegurar que os candidatos se mantenham confortáveis com todo o processo. O consentimento e o respeito serão fortemente priorizados, pois todos os participantes terão inicialmente sido informados e se tiverem consentido aparecerão na pesquisa de forma anônima ou não, e suas opiniões e experiências serão inteiramente respeitadas em todos os estágios da pesquisa.

No entanto, por mais que esse projeto se proponha a preencher certa lacuna referente a forma como os homens gays do Maciço do Baturité se expressam esteticamente e reproduzem assim uma heteronormatividade, esse projeto apresenta uma certa limitação no sentido de que devido à sua natureza qualitativa e à amostra restrita, os resultados não poderão ser generalizados para toda a população de homens gays no Maciço de Baturité.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Tanto para nos guiarmos metodologicamente na pesquisa, quanto para fundamentar nossa análise do material recolhido em campo, recorreremos a alguns autores que apresentam e debatem os temas heteronormatividade e masculinidades em suas obras. Tais referências serão fundamentais para melhor apresentar como estes temas estão presentes e evidentes nas sociedades atuais. Visando contextualizar melhor os temas, serão apresentados rapidamente dois modelos que antecedem e servem como explicação para a existência tanto de uma conduta heterossexual como masculina. Posteriormente à discussão teórica a respeito da heteronormatividade e da masculinidade será apresentada a questão de como se constroem a estética e a imagem da masculinidade viril e, mais especificamente, do homem nordestino, tudo isso visando chegar ao grupo específico que esse projeto pretende analisar.

De maneira interseccional, os temas anteriormente citados e teorizados serão apresentados no último tópico, com a finalidade de analisar a questão da heteronormatividade, supostamente reproduzida e internalizada compulsoriamente também por homens gays, com

foco na construção de uma pretensa estética de masculinidade hegemônica. Tudo isso em uma região específica: o Maciço de Baturité, no Ceará.

Nesse sentido, a contribuição de autores como Michael Foucault (2011), Silva (2000), JJ Bola (2020) e Judith Butler (2018), dentre outros/as, são de grande importância, pois esses autores oferecem em suas obras diferentes visões sobre a heteronormatividade e a masculinidade e contribuem para uma maior compreensão crítica das normas sociais em torno da sexualidade e das performances de gênero.

5.1 O modelo *de um sexo* e o modelo *de dois sexos*

A busca por entender a sexualidade humana tem sido objeto de investigação e debates ao longo de muito tempo. Assim, refletindo a respeito de uma interação complexa entre fatores biológicos, sociais e culturais, surgem duas formas de entender a sexualidade: o Modelo *de Um Sexo* e o posterior Modelo *de Dois Sexos*.

O Modelo *de Um Sexo* é historicamente predominante em diversas culturas e propõe a ideia de que existe apenas um padrão biológico que define o sexo humano, o homem. Segundo essa visão, o sexo masculino é considerado o padrão ou norma relativo à humanidade em sua distinção humana, racional e civilizacional, enquanto o feminino é visto e entendido como um homem invertido/falhado/ derivado/ incompleto/ castrado/ tutelado/ pueril/incapaz/ irracional/ menor/ impúbere. Como afirma Silva (2000, p. 08), “o modelo de perfeição estava representado na anatomia masculina, onde a regra fálica distinguia perfeitamente o domínio de superioridade e inferioridade masculina e feminina respectivamente”. Esse modelo acabava muitas vezes privilegiando características consideradas *masculinas*, em detrimento daquelas tidas como *femininas*.

Por outro lado, o modelo *de Dois Sexos*, diferentemente de seu antecessor, acredita na existência de duas categorias biológicas específicas, opostas, contrárias e complementares: a masculina e a feminina. Apesar da mulher agora ser vista, não mais como um homem falhado, “isto não implicaria na saída do patamar de inferioridade em que costumeiramente fora colocada. A mudança de concepção veio apenas reiterar a supremacia masculina, e não levar a mulher a um patamar de igualdade ou de maior prestígio” (Silva, 2000, p.8). Essa visão binária tem sido historicamente dominante em muitas culturas ocidentais, sobretudo a partir do descortinar da racionalidade científica e é frequentemente associada a sistemas de crenças patriarcais e heteronormativas. Veja-se que, nesse modelo, a identidade sexual de uma pessoa

é considerada fixa e determinada por características biológicas, como genitália, cromossomos sexuais e secreções hormonais.

5.2 Heteronormatividade e masculinidade

Segundo Rita Von Hunty (2021, N.p): “A heterossexualidade é uma abstração teórica (...) a cis hétero norma é construída em um contexto social, em sociedades e tempos específicos.” Portanto, podemos admitir que a heteronormatividade é um conceito que descreve a norma social que assume a heterossexualidade como padrão, relegando outras orientações sexuais e identidades de gênero para as margens. Nesse sentido, também Silva concorda que “Na sociedade patriarcal, destaca-se a heterossexualidade que foi naturalizada como uma norma, como um padrão a ser seguido, aceito na sociedade, excluindo todas as outras formas de sexualidade” (Silva et al., 2021).

Esse fenômeno descrito por Hunty e Silva permeia diversas esferas da sociedade, desde instituições culturais até estruturas legais, influenciando a forma como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. De acordo com Tatagiba (2018), o sistema normativo heterossexual ajuda a determinar atitudes apropriadas para os seres humanos em diferentes áreas da vida: na família, nas escolhas profissionais, no sentar-se, falar, perguntar, discutir, expressar sentimentos etc. (Tatagiba, 2018, p. 328).

As raízes da heteronormatividade, portanto, podem ser seguidas até as estruturas sociais historicamente mais arraigadas. Foucault (1988), por exemplo, explorou como as normas sociais são estabelecidas e mantidas, incluindo as normas em torno da sexualidade. O autor debate como, ao longo dos séculos XVIII e XIX, vários domínios de conhecimento, como a medicina, a psiquiatria e a justiça penal, tornaram-se ativos na geração de discursos sobre a sexualidade. A medicina, inicialmente, abordou questões sexuais através de condições como as *doenças dos nervos*, enquanto a psiquiatria concentrou-se nas perversões sexuais. Por outro lado, a justiça penal começou por lidar com crimes sexuais mais graves, mas gradualmente expandiu sua jurisdição para abranger transgressões menores e perversões consideradas menos importantes. Esses diversos campos contribuíram para aumentar a conscientização e a vigilância sobre os perigos associados à sexualidade, criando um ambiente em que o sexo estava sujeito ao disciplinamento, à discursividade do saber e ao controle social (Foucault, 1988, p. 31).

A linguagem, os costumes e até mesmo a legislação refletem e perpetuam essa normatividade, marginalizando outras orientações sexuais e identidades de gênero consideradas anormais ou dissonantes. “Espera-se que os membros de grupos majoritários, ao categorizarem a si mesmos e os grupos minoritários, apresentem um favoritismo por seu grupo majoritário, atribuindo-lhe mais características positivas e menos traços negativos que aos grupos discriminados” (Lacerda et al., 2002 p.166 apud Tajfel, 1978, 1982).

A heteronormatividade, já segundo Butler (2018), é algo fundamental para a construção das categorias binárias de masculinidade e feminilidade. Esta autora introduz a ideia de performatividade de gênero, argumentando que a identidade de gênero não é algo inato, mas sim construído através de práticas repetitivas e performances sociais endossadas e prestigiadas. Como afirma na citação a seguir, para Butler (2018, p.188):

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória.

Butler (2018) também analisa as formas como o discurso social, incluindo a linguagem e as normas culturais, contribuem para a perpetuação da heteronormatividade. Ela argumenta que as normas de gênero são internalizadas através de práticas discursivas e que a desconstrução dessas normas pode ocorrer por meio da subversão linguística e da quebra de padrões de comportamento esperados: “Entrar nas práticas repetitivas desse terreno de significação não é uma escolha, pois o ‘eu’ que poderia entrar está dentro delas desde sempre: não há possibilidade de ação ou realidade fora das práticas discursivas que dão a esses termos a inteligibilidade que eles têm” (Butler, 2018, p. 198).

Todavia, a heteronormatividade tem efeitos negativos na vida de homens gays, que, em função dela, sofrem diversos tipos de opressão e violação de direitos. Isso se explica pelo fato de que, como afirmam Silva et al. (2021, p. 121),

A partir desse modelo, o que foge dos padrões heteronormativo não é aceito, pois as regras sociais são fruto do sistema patriarcal que prevalece na sociedade e que está presente no cotidiano de pessoas. Nesse viés, entende-se que o homem deve ser másculo, viril, pagar contas, dirigir, ser mantenedor da casa, aquele a quem a mulher deve ser submissa.

Homens gays são, assim, frequentemente alvo de preconceito, discriminação, violência, invisibilidade, silenciamento, negação de acesso à saúde, à educação, ao trabalho, à

cultura, à cidadania etc. Segundo Berutti, (2010), gays e lésbicas são vítimas recorrentes de discriminação não apenas por pessoas que são consideradas "estranhas" ao seu convívio social, mas também por pessoas que compartilham de sua convivência em suas vidas pessoais e familiares. Portanto, a ideia de que “as tradições literárias mundiais, assim como as sociedades, têm sido exclusivamente heterossexuais” é reforçada também no âmbito das relações familiares mais imediatas. A heteronormatividade também afeta a subjetividade e a autoestima das pessoas LGBTQIAPN+, que podem internalizar sentimentos de culpa, inadequação, recalque, vergonha, medo, solidão etc.

Há de se entender nesse sentido que “a cis heteronormatividade é a ideia de uma construção de sociedade onde a norma é que todos os corpos se desenvolvam para se tornarem cis gênero e heterossexuais. Nenhum corpo de homem, por assim dizer, deve se desviar dos atributos que aquela sociedade designou para a masculinidade” (Hunty, 2021). O conceito do que seriam as masculinidades é, por sua vez, bastante abrangente, visto que existem diversas formas de masculinidades, mas apenas uma forma de masculinidade é naturalizada e normalizada. Essa geralmente corresponde à masculinidade hegemônica que pode ser compreendida como um conjunto de atributos, comportamentos e papéis que são socialmente associados aos meninos e homens como dominantes. Como afirma Bola (2020, p. 37), “Meninos são assim mesmo”. Isso retira a responsabilidade da ação e ensina aos meninos que certos comportamentos podem ser aceitáveis, desde que sejam um resultado ou consequência da sua masculinidade, o que é ainda mais evidente quando pensamos que não existe um equivalente do tipo “meninas são assim mesmo”. Sobre a construção da masculinidade na infância dos garotos, Seffner, (2013, p. 147) afirma que: “Os garotos, quando falam de sua masculinidade, estão também construindo atributos de feminilidade - em relação aos quais, em geral, desejam mostrar distância ou superioridade”. Portanto, a masculinidade não é algo fixo nem universal, pois ela varia de acordo com o tempo, o espaço, a cultura e o contexto. Ainda a esse respeito, Silva (2006, p. 120) afirma que:

Fala-se, e muito, do verdadeiro significado do que é ser homem na contemporaneidade, talvez como resultado de sua inserção na cultura à qual pertence, onde, por conseguinte, precisa moldar-se sustentando ou criticando, aderindo ou rejeitando, integrando-se ou afastando-se, obedecendo ou resistindo às regras impostas pela cultura e definidas como normas, conformando características, comportamentos e papéis que não necessariamente sejam aqueles que condizem com aquilo que ele almeja para si enquanto traços identificatórios.

Em muitas culturas, essa masculinidade é normalmente associada a características como força física, coragem, firmeza e principalmente controle emocional. Ou seja, a definição

do que se entende como Homem possui duas posições distintas, onde uma representa o que não pode (não pode chorar, não pode expressar seus sentimentos, não pode ser mulher ou afeminado, não pode amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não pode ser fraco, covarde, perdedor nem passivo nas relações sexuais etc). Ao contrário disso, o que pode e deve ser feito e internalizado é ser forte, corajoso, rígido, duro, pai, heterossexual, masculino, viril, ganha-pão, mandão, destemido, provedor, determinado, confiante, independente, intransigente, arguto, empreendedor, líder etc (Silva, 2006, p. 126).

Essas expectativas podem muitas vezes colocar pressão sobre os homens, levando-os a uma conformidade sob tais padrões rígidos que, por vezes, limitam a expressão genuína de suas emoções e individualidade, senão ocasionando-lhes uma série enorme de traumas e adoecimentos de vários tipos. Por exemplo, a vulnerabilidade e a sensibilidade podem ser vistas como incompatíveis com a noção tradicional de masculinidade, criando assim um paradoxo emocional de inflexão para muitos homens. Contextualizando como essa masculinidade tóxica e enrijecida foi projetada para servir de norma para os homens, Silva (2000) afirma que:

(...) sob a ameaça de uma feminilidade inerente a alguns homens, decorrente do medo de tornarem-se homossexuais, e diante da obrigatoriedade de pôr à prova o seu sexo forte, os homens tiveram que cultivar mais do que nunca a sua masculinidade e a sua virilidade (Silva, 2000, N.P).

Por isso, uma forma de analisar criticamente os parâmetros dessa masculinidade é perscrutando o conceito de masculinidade hegemônica:

A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de se ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell, 2013, p. 245).

Em outras palavras, uma masculinidade dominante numa sociedade que é legitimada pelas instituições patriarcais e pelos meios de comunicação, excluindo ou subordinando outras formas e expressões de masculinidades e reafirmando a sua posição de superioridade (elitista e conservadora) na sociedade. Além disso, essa masculinidade hegemônica se torna – na prática - prejudicial para todos os homens, pois impõe um conjunto de padrões e restrições que lhes tolhe a emotividade, a sensibilidade, a diversidade de visões, percepções e opiniões (portanto, o pensamento livre e criativo) bem como a disposição a colaborar, trabalhar e agir de forma solidária, o que pode levar a inumeráveis danos físicos, psíquicos e mentais.

Exemplos disso são problemas como o estresse, a depressão, a angústia, a relativização e mesmo a banalização da violência, o alcoolismo, o tabagismo, a drogadição, a negligência com os cuidados pessoais e familiares e o suicídio. Isso se torna visível e preocupante, tendo-se em conta o resumo executivo do relatório “Masculinidades e saúde na região das Américas” (OPS (organização panamericana de saúde), 2019, N.p), que destaca que as expectativas sociais em relação aos homens — de serem provedores de suas famílias, de terem condutas de risco, assumirem condutas de imprudência, negligência, serem sexualmente dominantes e promíscuos e evitarem discutir suas emoções ou procurar ajuda — estão contribuindo para maiores taxas de suicídio, homicídio, vícios e acidentes de trânsito e laborais, bem como para o surgimento de doenças crônicas transmissíveis e não transmissíveis ⁴.

Um aspecto que se faz muito importante destacar para a compreensão quanto à extensão dessa questão é a interseccionalidade dos elementos e fatores que contribuem para a construção desse tipo de masculinidade, reconhecendo que as experiências e desafios dos homens são moldados por interações complexas com outras identidades e marcadores sociais, como raça, classe social, orientação sexual e deficiência, do que se entende por interseccionalidade as formas particulares de opressões em intersecção, por exemplo, intersecções de raça e gênero ou de sexualidade e origem/pertencimento étnico-racial.

A ideia de interseccionalidade se refere a formas particulares de opressão interseccional, por exemplo, intersecções entre raça e gênero, ou entre sexualidade e nação. Os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental, e que as formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça. (Collins, 2019, p.57).

A percepção interseccional de questões como a composição da masculinidade realça então a importância de uma abordagem inclusiva, tendo em conta todos os diferentes aspectos das experiências dos diferentes homens, suas experiências, seus modos e comportamentos vitais. Apesar disso, parece evidente que, como destaca Connel (2013), a masculinidade hegemônica é a que se assume como preponderante também na sociedade brasileira, sendo imposta como modelo privilegiado de matriz eurocêntrica, branca, patriarcal e pequeno-burguesa, impondo a heterossexualidade, a família patriarcal e a heteronormatividade como únicos modos de se expressar quanto ao gênero e sexualmente.

⁴ O citado artigo foi assinado pela “Organización Panamericana de la Salud”. Disponível em: <<https://dds.cepal.org/redesoc/publicacion?id=5113>>. Acesso em: 30 dez. 2023.

Daí que, no final das contas, em resumo, a masculinidade é uma performance, ou seja, ela é representada de uma maneira que reforça a visão do que é amplamente considerado normal para os que nasceram homens (Bola, 2020, p. 41).

Essa masculinidade vem servindo então de base para que se detenha a legitimidade sobre a posição masculina de dominação, justificando a subordinação feminina. O que se tem a dizer, contudo, é que essa masculinidade tóxica e machista é ensinada e imposta a homens e meninos como ideal de violência e índice de adoecimento.

5.3 Estética masculina

Os homens nunca estiveram muito distantes dos cuidados estéticos e da preocupação com a própria imagem, por mais que sempre imaginemos esse assunto vinculado apenas à condição da mulher. Assim, “cuidar da barba e do bigode, por exemplo, era tão importante quanto a escolha de um chapéu apropriado e a manutenção da limpeza dos calçados” (Sant`Anna, 2014, p. 15). Portanto, a forma como os homens se apresentam e são vistos esteticamente tem sido influenciada por fatores diversos, que incluem as normas culturais, padrões de beleza, identidade de gênero e expressão pessoal.

Ao longo da história, em diferentes sociedades, se desenvolveram ideais e representações diferentes de masculinidade e do que seria ser um homem, o que resultava diretamente na estética masculina. Um exemplo disso foi na Grécia Antiga, onde os homens refletiam o que era valorizado naquela cultura, como um corpo musculoso e atlético. Diferentemente da Grécia Antiga, durante o Renascimento na Europa a estética masculina valorizava, ao invés de um corpo musculoso, a elegância, a sofisticação e a intelectualidade. Aliás, o direito ao próprio corpo e como se expressar socialmente é uma possibilidade bem recente, se levarmos em conta que “até meados do século XX, para ambos os sexos, ter direitos sobre o próprio corpo tendia a ser uma excentricidade típica de pessoas da elite mundana ou um capricho afeito aos malandros, libertinos, homossexuais e prostitutas” (Sant`Anna, 2014, p58).

Entretanto, a quebra de estereótipos de gênero, por exemplo, tem sido uma característica importante da estética masculina contemporânea, porque cada vez mais alguns homens estão desafiando as noções tradicionais de masculinidade e explorando uma gama ainda mais ampla de expressões e produções de gênero, senão quanto ao comportamento, certamente quanto aos cuidados e investimentos corporais e de estilo. Nisso se pode incluir o uso de roupas, produtos, cosméticos e acessórios geralmente tidos como *femininos*, além da

adoção de estilos de cabelo não convencionais e a rejeição de padrões de beleza baseados em normas patriarcais, como nos lembra Gabriele (2020):

O homem atual pode voltar a se preocupar com a estética. Isso o deixa mais conectado ao universo feminino, o que é essencial para uma aproximação com a mulher contemporânea. Passa a ser valorizada a silhueta mais longilínea, a franja... A imagem do homem que fica em casa tomando cerveja enquanto a mulher vai à academia caiu por terra (Gabriele, 2020, N.p).

Apesar dessa desmistificação em relação ao binarismo da estética masculina, a forma como os homens se expressam estilística e esteticamente ainda continua, nos dias de hoje, associada de forma profunda com a ideia de uma masculinidade enrijecida, engessada e dominante. Normalmente essa estética, a despeito de todas as licenças e inovações de estilo, continua moldada por padrões e expectativas de gênero que reforçam a crença de que os homens devem possuir características como firmeza, domínio, coragem e independência. Como afirma Sant`anna (2014, p. 105): “algumas características consideradas essencialmente masculinas parecem imutáveis: por exemplo, espera-se que a voz de um homem seja grossa. Seu modo de andar também precisa confirmar a firmeza do seu sexo”.

Portanto, o homem deve continuar robusto, musculoso e destemido. Essa é a imagem mais recorrente do que é ser homem em nossa sociedade, garantindo assim a noção de que a masculinidade está intimamente ligada à virilidade física, ao controle sobre os demais e, sobretudo, à preservação da heterossexualidade. Desse modo, apesar de todas as concessões e *novidades*, a estética masculina tem constantemente se associado a padrões de beleza e autocuidado que geralmente envolvem a busca por um visual mais viril, atlético e musculoso, gerando a adoção de certos estilos de roupa e até mesmo a pressão para se evitar demonstrar qualquer tipo de vulnerabilidade.

Logo, todas essas expectativas podem impor aos homens uma forte pressão, a fim de se ajustarem a um padrão de masculinidade que nem sempre corresponde às suas identidades e experiências íntimas e pessoais.

5.4 A estética masculina e o homem nordestino

A estética masculina adotada por alguns homens do Nordeste e por eles exibida reflete uma combinação de tradição, história e normas globais de gênero. Porém, ela também está sujeita a mudanças e contestações, pois o Nordeste não está parado no tempo e sobre ele também exercem força os ditames da globalização e da modernidade. Essa imagem estética do

nordestino tem uma explicação no movimento regionalista, “havia uma proposta clara do movimento regionalista e tradicionalista de contribuir para traçar e fixar o perfil do homem da região, de dar a ele uma ‘personalidade’, uma ‘fisionomia’” (Albuquerque, 2013, p. 145, ‘grifos do original’).

Ademais, os homens do Nordeste brasileiro mantêm uma relação com a estética que assume uma presença forte da tradição quanto à masculinidade sertaneja, a qual é muitas vezes associada a características como coragem, virilidade, força física, brutalidade e independência. Como ainda afirma Albuquerque (2013, p. 150):

Parece-me, portanto, que o nordestino é inventado como um tipo regional, como uma figura que seria capaz de se contrapor às transformações históricas em curso, desde o começo do século, que eram vistas como feminizadoras da sociedade e que levavam a região ao declínio. Faltava à região o resgate de um modelo de masculinidade e virilidade que, no passado, teria garantido a predominância econômica e política desta área, no país. Era preciso resgatar o patriarcalismo, não apenas como modelo familiar e de relação entre os "sexos", mas como ordem social (“grifos do original”).

Desse modo, percebe-se como essa estética do *homem nordestino* está associada à decadência patriarcal e ao declínio econômico da região. Acaba por refletir uma forma de resistência enrijecida, *aguerrida*, de um tipo superado quanto a esses ideais do que seria ser um homem no Nordeste. Por isso, muitos destes homens podem ser observados valorizando características como barba cheia ou aparada, corpos musculosos e certa rusticidade na aparência, na fala, nos modos. Ademais, a vestimenta também desempenha um papel importante, com muitos homens optando por roupas que refletem sua identidade regional, como chapéus de couro, botas de vaqueiro e camisas de algodão, todas essas características juntas ou separadas desempenham o papel de afirmar uma masculinidade recessiva, ressentida e algo decadente.

Contudo, vale ressaltar que essa estética não é homogênea e pode variar de acordo com diversos fatores, como classe social, localização geográfica (haja vista que todo o Nordeste não pode ser lido de forma homogênea), idade e vivências pessoais. Um dos exemplos a ser utilizado é o caso dos vaqueiros, cuja maioria vive nos interiores e não nas cidades grandes. Portanto, a vivência de um nordestino do interior é completamente diferente da vivência de um que vive na cidade grande, principalmente pelas notáveis desigualdades econômicas.

Outro exemplo a ser mencionado, quando se trata da estética nordestina presente no imaginário coletivo de masculinidade rústica ou *raiz*, é a representação dos cangaceiros, cujos

trajes geralmente consistiam em peças de couro, como gibões e chapéus, que outrora ofereciam resistência contra espinhos, insetos e até mesmo balas em confrontos. Essa imagem que os cangaceiros fixaram no imaginário popular “está cravada até hoje nas apresentações juninas, quando adultos e crianças se fantasiam de Maria Bonita e Lampião, caracterizando-se com todos os seus adornos estéticos para as apresentações das quadrilhas do mês junino” (Schreiner, 2022, p. 13).

A partir do exposto, se observa como a influência das normas de gênero hegemônicas pode fazer com que os homens se sintam obrigados a seguir determinados padrões estéticos, a fim de comprovar a sua masculinidade e assim obter prestígio e aceitação social. Consequentemente, essa pressão pode resultar na internalização de conceitos prejudiciais sobre o que é ser homem, limitando assim a expressão pessoal e perpetuando estereótipos de gênero, como por exemplo, o de que homens do Nordeste têm de se sentir compelidos a reprimir emoções e/ou evitar atividades consideradas *femininas*, para que não sejam vistos como *menos homens*. Ainda segundo Albuquerque (2013, p. 151-152),

O nordestino será inventado como o macho por excelência, a encanação do falo, para se contrapor a este processo visto como feminilização, pensado como ameaçador em última instância para a própria região. A relação entre masculinidade e poder fica assim explicitada, ou seja, a feminilização do espaço regional significava, segundo estes discursos a perda de poder em nível nacional, a impotência.

Percebe-se, portanto, que essa áurea da masculinidade valente do nordestino rescende a um atávico retrocesso econômico do poderio patriarcal da região, cujo prestígio não cogitava em se dobrar à subordinação ante o refinamento econômico e social *do sul*. A questão é que a transmissão arquetípica desse ranço de decadência masculinista (jagunça e coronelícia) se reproduz de forma inconsciente, renitente e inconsiderada gerações a fio, sem que os homens nordestinos de hoje se apercebam endossando as representações e os índices de uma masculinidade ressentida, falida, deslocada e tornada impotente.

5.5 Reproduções da heteronormatividade através de uma estética masculina hegemônica na população gay do Maciço de Baturité - CE.

Como evidenciado anteriormente, a heteronormatividade é uma ideia em que só se possibilita e se aceita enquanto natural e normal o ser homem baseado em uma correspondência entre o sexo biológico, o gênero e a orientação sexual; pois, segundo essa

lógica, os homens devem por obrigação ser heterossexuais, masculinos, fortes, ativos, racionais e dominantes.

A reprodução da heteronormatividade por homens gays em busca de afirmação da masculinidade é bastante complexa e controversa, pois envolve questões de identidade, sexualidade, gênero e poder. Nas palavras de Tatagiba (2018):

A vivência da homossexualidade constitui-se assim, no olhar de seus 'perseguidores', como uma renúncia da virilidade que o 'ser homem com H' (e não com 'h', de alguém que esmoreceu e sucumbiu à inferioridade) lhe impunha; cujas consequências seriam a expulsão do círculo de amigos (o que o aproximaria do 'círculo das meninas', 'às quais passa a ser 'assemelhado': 'quem abre mão de viver a masculinidade, feminino – inferior – se torna'), em um quadro em que a "solidão e o recuo sobre si" recaem" (Tatagiba, 2018, p.333, 'grifos do original').

Sendo assim, os homens gays afeminados são um dos grupos que mais sofre com a heteronormatividade, já que a sua natureza se insurge e se opõe ao esperado, sendo os gays vistos então como indignos, sujos, espúrios, anormais, desviantes ou inferiores, porque não fazem jus ao privilégio, ao mérito de *ser homens*, porque não se enquadram nos moldes hegemônicos da masculinidade, Nesse sentido, "a definição do anormal é posterior à da norma, pois é a negação lógica do normal. Contudo é a anterioridade histórica do futuro anormal que suscita a intenção normativa". (Portocarrero, 2004, 144, *apud* Araújo, 2018, p. 650). Consequentemente, esses homens são alvos de discriminação, preconceito, violência, perseguição e estigmatização, o que afeta a sua autoestima, saúde, direitos e cidadania.

Além disso, muitas vezes esses homens são invisibilizados ou estereotipados pela cultura dominante, o que os reduz a caricaturas ou fetiches, sendo ignorada a sua diversidade e complexidade. Logo, os homens gays podem buscar, como defesa e autopreservação, uma internalização de valores heteronormativos, o que leva alguns a adotar dessas estratégias de reprodução da heteronormatividade, a fim de afirmarem uma masculinidade que lhes protege de inumeráveis violências, pois como afirma Gois, (2003),

Abandonando a busca das 'origens' ou das 'causas' da homossexualidade e das suas supostas consequências maléficas, partiu-se para uma reflexão sobre a construção social dos significados a ela associados e das dificuldades apresentadas pelos homossexuais na sociedade brasileira. Outrossim, buscou-se também analisar as estratégias individuais e coletivas voltadas à superação da opressão por eles enfrentadas (Gois, 2003, p. 08).

Ou seja, assume-se a reprodução de comportamentos heteronormativos para que, assim, lhes seja garantido algum reconhecimento, respeito e aceitação social. Não noutro sentido, como elucidado bem por Miskolci (2009, p. 156), esse comportamento:

Expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade. Muito mais que o aperçu de que as relações com pessoas do mesmo sexo são compulsórias, a heteronormatividade sublinha um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle até mesmo daqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo.

Porém, essas estratégias podem envolver a negação ou o ocultamento da orientação sexual, além da adoção de comportamentos, vestimentas, linguagens e interesses considerados tradicional e tipicamente masculinos. A valorização da aparência física, da força, da virilidade e da performance sexual ativa, a fama de macho pegador, o falocentrismo, a busca por parceiros que sejam semelhantes ou complementares a esse ideal, a rejeição ou a subordinação de outros homens gays que sejam mais afeminados, efeminados ou femininos e a reprodução de discursos e práticas machistas, sexistas, misóginas, homofóbicas, racistas e classistas compõe assim uma blindagem, quase sempre muito mais frágil do que se supõe.

Dessa forma, para os homens bissexuais ou para os homossexuais enrustidos, todo esse expediente de masculinidade lhes demanda um dispêndio enorme de energia pessoal, física, psíquica e emocional. Assim, ao serem assumidos como homens gays terminam por reproduzir a violência da qual são vítimas. A relação dessa masculinidade heteronormativa adotada por alguns homens gays entra então em colapso, pois, como afirmam Santos et al., (2013, p. 58):

A bicha funciona para o gay masculino da mesma forma que o gay (na sua generalidade e estrategicamente tomado como “efeminado”) funciona para o homem heterossexual. Assim como subsiste historicamente um estereótipo dominante do gay efeminado que é visível no panorama escolar, também existe, dentro da cultura gay, um mudo duelo de forças entre o “gay normal” (a homossexualidade viril e respeitável, mais próxima da heterossexualidade) e a “bicha louca” (a homossexualidade repudiada e mais próxima da ideia de uma homossexualidade exclusiva); ideia que é tão historicamente coextensiva quanto à primeira (“grifos do original”).

Entretanto, ao aderir a essas estratégias de instável conluio com a masculinidade homofóbica, esses homens gays (que muitas vezes não se reconhecem como tais) não se isentam de sofrerem de conflitos internos, pois essas adequações implicam em uma negociação constante entre a identidade individual e a social, entre o desejo e a norma, o superego distônico a ser seguido, custe o que custar. Assim, entre a autenticidade e a conveniência, entre a liberdade para ser quem é e a pressão para ser quem não é, os sofrimentos são extremos e postulam o uso da violência, como válvula de escape à repulsa, no alvo mais frágil e exterior a si mesmo. Nada disso lhes garante, no entanto, uma proteção

efetiva contra a homofobia, haja vista que a mesma lhes é internalizada e lhes destrói com pulsões de negação e de ódio a si mesmos. Nem mesmo espezinhar ou praticar violência pública contra as *bichinhas afeminadas* lhes garante o isolamento e o galardão de isenção da masculinidade. Quanto mais reforço dos códigos e das condutas externas heteronormativas, tóxicas e violentas, mais sofrimento lhes é gerado.

Partindo para o homem gay do Maciço de Baturité, que é o foco principal desse projeto, a relação desse homem gay masculinizado com a estética ainda pode manter uma certa internalização em relação ao papel de gênero, função sexual e masculinidade hegemônica, principalmente diante do que foi exposto no tópico anterior. É importante ressaltar que essa internalização não ocorre do nada. Na verdade, ela é moldada por uma variedade de fatores, que incluem a cultura, a religião, a família e as vivências individuais, já que a imprecação da masculinidade para os homens do interior do Nordeste corresponde a:

(...) certo número de acontecimentos históricos, sendo fruto de um conjunto de operações de construção de um sujeito histórico, de um sujeito regional, de um personagem extremamente importante para a história política e cultural do Brasil contemporâneo, que é precisamente a do homem socialmente dominante (Albuquerque, 2013, p. 229).

Dessa forma, essa estética é um reflexo da complexidade das identidades individuais e das dinâmicas sociais em busca de referenciação por coesão e reconhecimento social. Por mais que o Nordeste brasileiro e, mais especificamente, lugares como o Maciço de Baturité, seja conhecido por sua diversidade e riqueza cultural, inegavelmente ele ainda carrega consigo normas arcaizantes de masculinidade, que podem ser opressivas, violentas e restritivas em múltiplos sentidos, especialmente para aqueles que desafiam os padrões tradicionais de gênero, como os homens gays afeminados.

Assim, parte-se do pressuposto de que muitos homens gays no Maciço de Baturité enfrentam uma forte pressão para se conformarem às normas de masculinidade dominante, e isso se deve à conexão cultural que é estabelecida entre virilidade, masculinidade prestígio e domínio social, como afirma Albuquerque, (2013 p. 220): “os códigos de gênero são internalizados como se fossem coisas ‘naturais’. Neles, a masculinidade é, desde cedo, definida pela competição, pela disputa em que se pretende derrotar outro homem, pela força ou pela astúcia” (‘grifos do original’). Consequentemente, isso pode acabar levando alguns homens gays a internalizarem tais padrões e, como resultado, muitos acabam reprimindo partes de sua identidade e, sobretudo, a maioria de seus sentimentos e emoções, que não se encaixam nos padrões de masculinidade exigidos numa região ainda marcada por muitas

dificuldades econômico-sociais, pobreza, injustiça, desigualdade, opressão, ausência do Estado, estagnação, mandonismo, criminalidade e clientelismo.

Esteticamente, muitos desses homens gays *machudos* do Maciço podem acabar sentindo a necessidade de adotar uma aparência mais "masculina" ou tradicionalmente associada à heterossexualidade, como barba, roupas tidas socialmente como masculinas e uma linguagem corporal que reflete uma certa rigidez de gênero, pois isso pode ser uma forma de tentar se encaixar e evitar o estigma social associado à não conformidade de gênero.

Além disso, a internalização dessa masculinidade dominante não só influencia a aparência física, como também pode influenciar o comportamento e a forma de se expressar emocionalmente; haja vista que muitos homens gays no Maciço de Baturité podem sentir a necessidade de reprimir características que são consideradas *femininas* ou *afeminadas* para evitar serem alvo de discriminação ou violência. Toda essa repressão pode incluir evitar gestos afeminados, modulação da voz e até mesmo se negar a ter interesses e hobbies que sejam considerados fora do estrito padrão masculino.

Ainda que essa internalização possa ocorrer na população gay do Maciço é inegável o fato de que muitos desses homens gays nessa região estão desafiando ativamente essas normas e buscando expressar suas identidades de forma mais livre e autêntica, apesar de todas as pressões sociais. Isso fica evidente na crescente visibilidade e aceitação de indivíduos LGBTQIAPN+ na sociedade nordestina, que estão aos poucos desafiando as noções tradicionais de masculinidade e abrindo espaço para uma gama mais ampla de expressões de gênero e identidades. Dessa forma, é importante reconhecer que a reprodução da heteronormatividade não é mais universal entre os homens gays na atualidade.

6. CRONOGRAMA

A aplicação desse projeto se dará no período de 12 (doze) meses, seguindo os passos do cronograma abaixo, iniciando por uma revisão bibliográfica sobre os temas da heteronormatividade e masculinidades para um aprofundamento maior. A essa fase seguirá a coleta de entrevistas semiestruturadas e visitas aos ambientes frequentados por homens gays nessa região específica do Nordeste, que é o Maciço de Baturité, no interior do Ceará. Por fim, será feita uma análise documental variada. Logo após o levantamento bibliográfico e da ida a campo, o material será analisado e o projeto finalizado.

**PERÍODO DE
CONCLUSÃO**

ETAPAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
LEVANTAMENTO BIBLIOGRAFICO	x	x	X									
FICHAMENTO DOS TEXTOS	x	x	X									
BUSCA PELA AMOSTRA			X									
AGENDAR AS ENTREVISTAS			X									
REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS				x	x							
IDA A CAMPO COMO OBSERVADOR/ PARTICIPANTE					x	x	x	x				
ANÁLISE DOCUMENTAL						x	x	x				
ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS DO CAMPO									x	x	x	
FINALIZAÇÃO DO PROJETO												x

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M.D. **Nordestino: invenção do “falo” uma história do gênero masculino (1920-1940)**. Editora Intermeios, 2013.

ARAUJO, D. C. DE. **Heteronormatividade jurídica e as identidades LGBTI sob suspeita**. Revista Direito e Práxis, v. 9, n. 2, p. 640–662, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/GjmSkWkq6Bh5BSSwnkzMsSp/#> acesso em: 23 fev. 2024.

BERUTTI, E. **Gays, lésbicas, transgenders: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BUTLLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. tradução jamille pinheiro dias. 1ª edição. são paulo: boitempo editorial, 2019.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Estudos feministas, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013.

CONRADO, M., & RIBEIRO, A. A. M. (2017). Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Estudos feministas*, 25(1), 73–97. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p73> acesso em: 20 fev. 2024.

FARIAS, V. **1,7 mil LGBTQIA+ foram vítimas de agressões físicas em 2021; 8 estados não têm dados sobre o tema.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/28/17-mil-lgbqia-foram-vitimas-de-agressoes-fisicas-em-2021-8-estados-nao-tem-dados-sobre-o-tema.ghtml?ssp=1&darkschemeovr=1&setlang=pt-br&cc=BR&safesearch=moderate>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UECE, 2002. Apostila.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GABRIELE, J. **A História da Beleza Masculina.** Dr João Gabriele, 17 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.drjoaogabriele.com.br/post/agora-voc%C3%AA-pode-escrever-no-blog-onde-estiver>>. Acesso em: 13 fev. 2024

GERHARDT, T.E; RAMOS, I.C.A; RIQUINHO, D.L E DOS SANTOS, D.L. Capítulo 04. **Estrutura do projeto de pesquisa.** Em: DELANI, L. (Ed.). Métodos de Pesquisa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2009. p. 75.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓIS, J. B. H. **Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil.** Estudos feministas, v. 11, n. 1, p. 289–297, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5vF4F7mKPfNkKFLtsfPgjLM/#> Acesso em 28 dez. 2023.

HUNTY, R.V. **Não existe “coisa de menina”:** entenda mais sobre heteronormatividade com Rita Von Hunty e Fábio Manzoli. Disponível em: <<https://amaro.com/blogs/inspire/heteronormatividade>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

JUSBRAZIL. **Entenda a criminalização da LGBTfobia.** Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/entenda-a-criminalizacao-da-lgbtfobia/868811422?ssp=1&darkschemeovr=1&setlang=pt-br&cc=BR&safesearch=moderate>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. **Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais.** Psicologia, v. 15, n. 1, p. 165–178, 2002.

MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Organización Panamericana de la Salud. **Masculinidades y salud en la Región de las Américas. Resumen.** Disponível em: <<https://dds.cepal.org/redesoc/publicacion?id=5113>>. Acesso em: 30 dez. 2023.

SANT’ANNA, D. B. **História da Beleza no Brasil.** Contexto, 2014.

SANTOS, H.; FERREIRA, M.; MARQUES DA SILVA, S. **De uma heteromasculinidade hegemónica a uma proliferação de masculinidades gays.** Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71436/2/87361.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SCHEREINER, S. B. S. **A ESTÉTICA DO CANGAÇO: A REPRESENTATIVIDADE DESDE O TRAJE DO VAQUEIRO AOS BORNAIS DOS CANGACEIROS (AS), HARMONIZANDO FORMAS E CORES.** Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2022.

SEFFNER, F. **Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar.** Educação e Pesquisa, v. 39, n. 1, p. 145–159, 2013.

SILVA, P. R. N.; GREGORIO, M. D. F. A. D. **A heteronormatividade e o patriarcado: preconceitos e marcadores na sociedade brasileira.** Disponível em: <<https://www.revistamaiseducacao.com/artigosv4-n5-julho-2021/12>>. Acesso em: 22 dez. 2023.

SILVA, S. G. DA. **A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista.** Psicologia Ciência e Profissão, v. 26, n. 1, p. 118–131, 2006.

SILVA, S. G. DA. **Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos.** Psicologia Ciência e Profissão, v. 20, n. 3, p. 8–15, 2000.

SPIZZIRRI, G., Eufrásio, R.Á., Abdo, C.H.N. *et al.* **Proporção de brasileiros adulto, adultos, características sociodemográficas e violência autorreferida.** *Rep Sci* 12, 11176 (2022). Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-022-15103-y> acesso em; 30 mar. 2024.

TATAGIBA, A. P. **Masculinidade e heteronormatividade: temas-desafio nas instituições educacionais.** Revista Periódicus, v. 1, n. 8, p. 325–340, 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.